

O POÉTICO COMO POTÊNCIA EDUCACIONAL

Anderson Valfre

*"O prazer poético é orgânico."
Paul Zumthor*

RESUMO

Este artigo tem como objetivo tentar compreender algumas formas de expressão nas quais o poema pode despertar, principalmente quando inserido no contexto da sala de aula, em níveis diversos da trajetória estudantil, ressaltando sua função lúdica no processo educativo. Nessa perspectiva, o presente trabalho, situado no campo da pesquisa-ação, irá abordar a importância da inserção de instrumentos artísticos, com destaque para a poesia na formação docente. Entre os resultados auferidos, evidenciou-se a pertinência e relevância do despertar para a artes no desenvolvimento das sensibilidades, entendendo que a educação para os sentidos também é uma dimensão relevante na formação e atuação de professores e professoras, do ensino básico à universidade.

Palavras-chave: Poema; Poesia; Sensibilidades; Intervenção poética; Formação docente; Transvê Poesias.

INTRODUÇÃO

Abordar poesia em sala de aula é um assunto cada vez mais presente em pesquisas das áreas de literatura, educação e artes nos últimos anos, porém, ao que parece, na maioria dos casos, as práticas apresentadas ficam restritas à sala de aula, mesmo que exista nesse espaço uma condição de sensibilização grandiosa e válida ao tema. Neste trabalho, busco discutir a poesia no contexto escolar partindo da sala de aula para outros espaços da instituição. A escola deve ser um campo de experiências para o aluno, e, quando se trata de poesia, nada

melhor que explorar suas diversas formas de manifestação estética: leitura, escrita, escuta e declamação.

Nosso objetivo aqui é pensar o lugar e o significado do ensino da palavra poética na aprendizagem das artes, sua importância para a formação discente, especialmente, para a vivência estética da poesia passando pela leitura, escrita e escuta de um poema. Assim, será válido o entendimento de performance poética, o ato de atribuir corpo a palavra, por meio da fala, gesto ou movimento, bem como a elucidação dessa prática como uma forma de refletir sobre a potência da poesia no eixo educativo. Qual a importância e/ou o papel da performance poética na educação? De que maneira ela pode contribuir para um aprendizado mais prazeroso e criativo?

A fim de perseguir as questões, faremos, num primeiro momento, uma breve consideração acerca da presença da poesia nos PCNEM+ (Parâmetro Curricular Nacional do Ensino Médio) para, num segundo momento, contextualizar o tema no âmbito do currículo básico comum para Ensino Médio do estado de Minas Gerais, especialmente, na instituição de realização do Estágio Regência, no Instituto Federal de Minas Gerais - Campus Ouro Preto. Trata-se, nesse último caso, de apresentar e pensar a prática pedagógica desenvolvida com a poesia nas aulas de artes que resultou na produção de um sarau poético dentro do instituto.

Para tanto, vamos retomar o debate sobre o tema já desenvolvido por Ana Gebara (2011), Hélder Pinheiro (2018), Johan Huizinga (2014), Paul Zumthor (2018), Regina Zilberman (1993), dentre outros. Acreditamos que, por meio desse percurso, será possível constituir uma abordagem da relação entre palavra poética e o contexto escolar e, assim, compreender melhor a importância da poesia no processo educacional e/ou no despertar da experiência estética e do “estado poético”, que iremos considerar como um método de ensino. Desse modo, salientaremos sua dimensão pedagógica coletiva ou pessoal.

LUGARES PARA A POESIA NA ESCOLA

A poesia tem sido vista em sala de aula na disciplina de língua portuguesa com o intuito de ensinar determinado conteúdo ligado às distintas formas históricas da linguagem poética. Entretanto, esse aprendizado, tende a contrariar o caráter vivo e atuante da poesia devido a sua burocratização e, assim, ao longo dos anos, os alunos e alunas perdem o interesse por ter de decorar de forma mecânica um poema. Quando o poema é visto apenas como mais uma forma linguística engessada pela história e teoria da literatura se converte num objeto destituído de vida. Logo, seu valor artístico permanece alheio ao universo dos alunos e de seu tempo. Portanto, “essa categorização permite que se entenda por que, em grande parte, a leitura de poesia na escola não chega a ser estética, apresentando-se como uma busca de conteúdo” (Gebara, 2011, p. 26). Se não houver uma relação empática, do professor e do aluno para com o texto, não haverá condições para uma experiência estética com a obra que vai permanecer subordinada aos interesses da aprendizagem dos conteúdos disciplinares. Dessa maneira, a experiência poética não desperta o interesse, pois permanece como um corpo estranho, e, portanto, “não há como chegar ao poema, se a atividade exercida pelo leitor não for estética” (Gebara, 2011, p. 27).

Para que a atividade ou estudo da poesia se torne estética, a sua aprendizagem em sala de aula requer um preparo por parte do(a) educador(a), pois passa-se a compreender e ter domínio da sua linguagem. Em função do desconhecimento ou da falta de interesse dos docentes e das instituições escolares, o ensino-aprendizagem da poesia costuma ficar reservado ao tempo vago e não se torna um mecanismo de comunicação e/ou de interação capaz de levar ao aluno à poesia como corpo vivo, conforme salientou Hélder Pinheiro: “de todos os gêneros literários, provavelmente é a poesia o menos prestigiado no fazer pedagógico em sala de aula” (Pinheiro, 2018, p. 11).

A falta de preparo dos docentes e o pouco interesse das instituições escolares acabam, muitas vezes, convergindo para a não obrigatoriedade dessa

linguagem no currículo pedagógico ou, por outro lado, num trabalho sem consistência no ambiente educacional. Mesmo sabendo/reconhecendo o poder ou a potência da poesia como uma forma de ensino e aprendizagem, ela ocupa um lugar marginal na escola e os contatos estabelecidos pelos alunos e/ou alunas são raros (Zilberman, 1993, p. 64).

Em meio a um sistema social, político e econômico que reclama o aproveitamento de tempo e o ganho constante - motivo e justificativa que leva à visão tecnicista do ensino - a imaginação passa a ser entendida como “irreal” e um mero “passatempo” na rotina da vida diária ou escolar. Então, as atividades prazerosas e lúdicas a ela associadas são excluídas do programa de vida e de ensino numa sociedade que maximiza o tempo em virtude do consumo (Zilberman, 1993, p. 66). Temos que assumir a poesia como lugar de produção e suporte do imaginário. Do contrário, não fará sentido algum a presença da poesia na escola. Cabe informar: não estamos defendendo que a escola básica deva formar artistas, poetas, escritores, como dito por Carlos Drummond: não temos “a intenção criminosa de formar milhões de poetinhas nos bancos da escola maternal e do curso primário” (Drummond, 1974, p. 2), mas de sensibilizar o poético como parte do humano.

Os resultados de algumas pesquisas nos mostram que a poesia pode ser um elemento primordial na sala de aula, tanto na sensibilização artística, quanto linguística, conforme assinala a sua crescente presença nos currículos pedagógicos, no âmbito das línguas e artes (Brasil, 2002). Por outro lado, vale lembrar que a presença da poesia nas instituições públicas de ensino como, por exemplo, em Ouro Preto/MG, deveria ser observada e/ou regulada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio, de Língua Portuguesa e Arte, e pelo Currículo Básico Comum do Ensino Médio de Língua Portuguesa e Artes do estado de Minas Gerais (2002 e 2008).

No conteúdo de Língua Portuguesa, o documento de caráter nacional definiu como objetivos do ensino da língua a capacitação dos alunos e alunas “para

que leiam coletivamente uma obra literária, assistam a um filme, leiam poemas de sua autoria de preferência fora do ambiente de sala de aula: no pátio, na sala de vídeo, na biblioteca, no parque” (Brasil, 2002, p. 67). Ao mesmo tempo, estabeleceu-se que o foco nessa disciplina deve ser o exercício da escrita, da fala, das regras de leitura, que propiciarão ao aluno comunicar-se socialmente por aprender a codificar ou dominar signos e símbolos linguísticos e, portanto, a literatura entra como parte do aprendizado da língua. Mas, quando se fala Competência Textual, o poema aparece como um dos recursos ligados ao aprendizado prático dos gêneros literários: “adotar a perspectiva de que a escola deve incorporar em sua prática os gêneros, ficcionais ou não-ficcionais, que circulam socialmente: a literatura, o poema, o conto, o romance, o texto dramático, entre outros...” (Brasil, 2002, p. 77).

Não se trata de uma aprendizagem do poema como objeto de estudo desligado das relações que o constituem socialmente. Logo, se torna importante incorporar as referências poéticas presentes na vida do estudante. Dessa maneira, sua vivência com o poema em sala de aula se tornaria mais significativa em virtude da inserção de seu saber poético extraescolar (Brasil, 2002, p. 78). No documento oficial, o poético é citado pela primeira vez enquanto uma necessidade do aluno aprender a “reconhecer recursos prosódicos frequentes em um texto poético (rima, ritmo, assonância, aliteração, onomatopeia)” (Brasil, 2002, p. 78).

Desse modo, o poético permanece vivo enquanto um jogo que o professor propõe ao aluno. A aprendizagem da língua por meio do poético é fundamental, sobretudo, quando sabemos que as formas poéticas refletem processos sociais mais duráveis (Bakhtin, 1988, p. 206) ou quando encaramos os gêneros poéticos como instituições sociais que vinculam escritores, obras e públicos a um determinado contexto histórico-político. Nesse sentido, trabalhos individuais ou coletivos tendem a ampliar a percepção das formas da poesia e o que implicam com relação à sua respectiva perspectiva sobre a vida, os homens e o mundo, conforme diferenciou o documento: “os conhecimentos artísticos e

estéticos são necessários para que a leitura e a interpretação do mundo sejam consistentes, críticas e acessíveis à compreensão do aluno” (Brasil, 2002, p. 179).

Há um reconhecimento da arte como um valor a ser trabalhado para o aperfeiçoamento da percepção do aluno, já que a arte, principalmente a poética, possui uma linguagem específica e daí a necessidade de experiências estéticas que possibilitem uma maior compreensão do mundo por parte do(a) aluno(a), segundo a definição dada: “experiência estética: processo perceptivo, sensível, reflexivo e integrador de conhecimentos culturais” (Brasil, 2002, p. 184). Na sua abordagem da experiência estética, o documento ressaltou o desenvolvimento de metodologias que valorizem o trabalho individual e coletivo abarcando desde a produção, observação e análise, das formas ou gêneros poéticos.

A poética entendida como um elemento linguístico presente no interior das modalidades artísticas (artes visuais e audiovisuais, dança, música, teatro), mas é preciso observar que a poesia não foi contemplada aqui. Essa exclusão pode ser resultado de ter sido contemplada no âmbito do aprendizado da língua e da literatura. Assim, devemos reconhecer a importância pedagógica conferida à experiência estética do aluno não como um conteúdo disciplinar a ser ensinado, mas como integrante de um método de desenvolvimento que passa pela percepção da realidade, por meio do qual ele ou ela poderá articular distintas capacidades cognitivas à sua vivência pessoal: “usufruto da sensibilidade estética, da percepção, da imaginação, articuladas ao convívio e à experiência com múltiplos contextos geradores da arte” (Brasil, 2002, p. 192).

Por outro lado, o CBC do Ensino Médio, Língua Portuguesa, avança no detalhamento dos conteúdos a serem observados em nível estadual. Nesse documento oficial, o poema se converte em texto, ou melhor, numa forma muito especial de texto, entendido enquanto elaboração artística e/ou verbal de vivências e reflexões que, por sua vez, propõe um tipo particular de cumplicidade assentada nas regras do jogo estabelecidas pela forma especial do texto, assim, pode

despertar envolvimento emocional e proporcionar prazer intelectual e estético (CBC, 2008, p. 78).

Vemos o potencial da poesia enquanto um instrumento de jogo que permite ao aluno tomar posição crítica partindo da elaboração do mundo poeticamente. No que se refere ao poema como conteúdo, o documento salientou distintos modos de leitura possíveis: “ler um poema para apreciá-lo é diferente de ler esse mesmo poema com o objetivo de descrever e relacionar marcas linguísticas e efeitos de sentido” (CBC, 2008, p. 82). A experiência estética da obra antecede a busca de um sentido formulado ou as marcas linguísticas que informam sua configuração textual, os signos. Trata-se de uma prática capaz de “contribuir para formar leitores capazes de reconhecer e apreciar os usos estéticos e criativos da linguagem” (CBC, 2008, p. 83).

Dessa maneira, a “textualização do discurso poético” se converte num recurso de estudo do poema em seus diferentes níveis, sonoro, textual e imagético, com o objetivo de o aluno “reconhecer o uso de estratégias do discurso poético e seus efeitos de sentido, em discursos, textos ou gêneros literários ou não” (CBC, 2008, p. 113). Nesse sentido, a poética também não fica limitada ao discurso específico ou artístico, pois, conforme podemos ver, compreende textos e gêneros não literários também. Da mesma maneira que os Parâmetros Nacionais, o CBC do Ensino Médio em Artes não contemplada a poesia dentre as demais modalidades artísticas (artes audiovisuais, artes visuais, dança, música e teatro) destinadas a desenvolver “suas habilidades, articular e realizar trabalhos estéticos e explorar sua sensibilidade e seus sentimentos. Assim, o ensino de Arte deve possibilitar a todos os alunos a construção de conhecimentos que interajam com sua emoção, através do pensar, do apreciar e do fazer arte” (CBC, 2008, p. 33).

Em ambas as diretrizes curriculares, vemos que a poesia está contemplada, enquanto poema, no campo de ensino da língua portuguesa e ou do aprendizado da literatura. Guardadas as devidas reticências, há um reconhecimento da potência pedagógica da poética e do poema para além do

conteúdo disciplinar previsto pelo ensino da língua e da literatura, especialmente do aluno enquanto investigador do poético. Aí reside a necessidade de professores que tenham uma formação de qualidade para um olhar sensível ao campo poético. Isso vale para todo o corpo docente da instituição, pois os documentos aqui abordados já têm mais de uma década, entretanto, a metodologia proposta não tem sido, de modo significativo, aplicada nas escolas.

As instituições escolares estão longe de saber organizar experiências poéticas significativas para o aprendizado do aluno por diversos motivos. Dentre outros, o Estado, enquanto gerenciador de um projeto de educação nacional, insiste em um modelo de escola tradicional, no qual o professor se coloca como o detentor do saber e o aluno recebe passivamente o conteúdo, exceto em algumas instituições e projetos alternativos. Assim, o papel da escola se reduz à transmissão de um conhecimento fechado e determinado pelos interesses políticos e econômicos. Portanto, ela se torna incapaz de promover um espaço de vivência significativa a partir da convivência com textos poéticos.

Partimos de um âmbito nacional, passamos ao estadual e, agora, vamos investigar as possibilidades pedagógicas da poesia no âmbito local do IFMG: Campus Ouro Preto, uma instituição federal. Nos institutos federais, o ensino de artes é voltado apenas aos alunos do primeiro ano do Ensino Médio, pois os cursos são integrados por uma formação técnica comum. Não foi possível ter acesso ao programa curricular do ensino de arte durante o estágio realizado, mesmo tendo solicitado à sessão pedagógica do instituto e ao professor da área. Desse modo, vou me valer das palavras do professor responsável pelo estágio. De acordo com seu relato, nas aulas, buscava proporcionar momentos prazerosos e relaxantes aos alunos e alunas. Formado em Belas Artes, podia oferecer experiências mais sólidas nesse campo, sem restringir suas aulas a pintura ou desenho, pois, no geral, tinha por objetivo proporcionar aos alunos momentos de sensibilidade para com a arte, sobretudo, em virtude do cansaço dos estudantes diante do contexto de cobrança da instituição.

Após essa contextualização, podemos compreender melhor algumas das relações entre o ensino-aprendizagem da poesia, as diretrizes curriculares e as salas de aula das instituições de ensino e, além disso, os desafios colocados para se alcançar uma formação poética adequada aos parâmetros estabelecidos pelas leis. Não existe uma resposta comum ao problema, muito menos um consenso, haja vista o caráter marginal que ela ocupa no debate escolar, educacional e pedagógico, mesmo sendo reconhecida legalmente. Então, nos fica a pergunta: como abordar o poético na sala de aula?

Procurando responder à questão em meu planejamento do estágio, considereei a formação técnica e a carga horária extensa de estudos dos alunos. Por outro lado, examinei que a poesia está presente em diversas manifestações artísticas além da literatura, ampliando o universo poético para além também da dimensão ficcional. É necessário ampliar o entendimento de poesia no processo educacional percebendo sua presença na nossa vida. Nesse sentido, nada melhor do que começar partindo de ações simples: ouvir uma música, observar uma paisagem, fazer um jogo, brincadeira e propor uma leitura. Como enfatiza Zilberman (1993), “ao tratar de ‘poesia’ em sala de aula, todas as formas de arte e comunicação podem entrar em jogo” (Zilberman, 1993, p. 78). Dessa maneira, a aprendizagem da poesia em sala de aula deve ser planejada pelo docente responsável de modo a estimular aquele saber poético prévio do aluno ou aluna em direção ao universo mais distante de sua experiência, defesa também feita por Hélder Pinheiro: “tendo em vista que a poesia, dentre os gêneros literários, dos mais distantes da sala de aula, a tentativa de aproximá-la dos alunos deve ser feita de forma planejada” (Pinheiro, 2018, p. 21).

Ler poemas em sala de aula é uma ótima atividade para estimular a leitura e a curiosidade para a poesia, desde que planejada e entendendo que não se trata apenas de visar a competência linguística e ou o conhecimento literário. A ação sugerida pode objetivar criar um ambiente ou estado poético que estimule ou incite a tomada de posição do aluno e/ou da aluna. A leitura pode ser um meio do

saber poético se tornar disponível e acessível para ser compartilhado individual ou coletivamente, buscando, dessa forma, congrega em torno dela o interesse da turma. Isso é válido, sobretudo, quando se trata da leitura em voz alta que, ademais, abre espaço a intervenção do ouvinte: “a leitura em voz alta é um instrumento importante para uma aproximação ao poema e, no contexto de sala de aula, quando bem realizada, pode despertar o interesse de muitos leitores” (Pinheiro, 2018, p. 32). Portanto, a leitura poética não pode ficar circunscrita à eventualidade, conforme observou Silveira (2018), “ela precisa ser pensada como aprendizagem contínua e sistematizada” (p. 93).

A forma de criar pontes entre o poético e o cotidiano escolar depende do contexto, do método, do objetivo e das questões que motivam o docente nesse tipo de abordagem, pois, uma vez instaurado o gosto pela leitura passa a existir, possivelmente, mais facilidade na aprendizagem dos conteúdos ligados à poética de outros autores e momentos históricos (Pinheiro, 2018, p. 36). Para isso, o próprio professor deve ser sensível ao texto poético, se mostrar disponível ou permeável à comunicação e/ou à linguagem proposta, se tornando mais capacitado para o ensino-aprendizado do saber-fazer poético como parte do humano e, portanto, via de acesso importante à sua descoberta e à do mundo (Zilberman, 1993, p.69).

É nesse processo de aprendizagem que a pessoa explora sua relação com o universo poético e se torna capaz de reconhecer suas relações com o mundo social: “o discurso poético é naturalmente social, porém as formas poéticas refletem processos sociais mais duráveis, “tendências seculares” por assim dizer, da vida social.” (Bakhtin, 1988, p. 206). Por outro lado, a importância da poesia na vida social pode ser recuperada partindo das relações interpessoais definidas em sala de aula, das manifestações culturais diversas representadas nas turmas, pois surgem reconfiguradas em virtude da observação singular do mundo e do homem encontrada na poesia. É preciso lembrar que “a poesia continua ainda hoje sendo o modo de expressão mais natural para as coisas mais elevadas” (Huizinga, 2014, p.

142). De acordo com o autor, a poesia possibilita a capacidade de manifestar os detalhes mais simples da vida nos elevando em direção ao sagrado. Essa expressão mais natural para as coisas mais elevadas desempenha papel importante no “desenvolvimento da criatividade, da expressão e da compreensão da linguagem como representação da experiência humana” (Zilberman, 1993, p. 68).

A compreensão da linguagem da poesia como forma de representação ou expressão da experiência humana se torna mais nítida com o conceito de “leitura estética” discutido por Ana Gebara em *A poesia na escola* (2011). Segundo a autora, precisamos reconhecer que essa experiência se efetiva no campo do imaginário constituído por meio do jogo proposto pelo poema: “como no jogo, há, na leitura estética, uma série de regras evidentes ou não, provenientes do texto, que serão utilizadas para que se vivencie o poema.” (Gebara, 2011, p. 28). Existem regras a serem exploradas durante a prática de leitura proposta que desloca para a margem a preocupação central com os conteúdos literários ou linguísticos do ensino-aprendizagem poético permitindo, assim, uma interação cognitiva-emotiva entre falante e língua (Gebara, 2011, p. 32).

Em resumo, a leitura estética está imbricada no modo do saber poético se colocar em jogo. Num primeiro momento, acontece como uma visão mais direta das coisas e, posteriormente, como veículo de informação e de comunicação capaz de criar ou produzir interações em torno de seu sentido lúdico e criativo, conforme observou Carlos Drummond de Andrade, “a poesia como primeira visão direta das coisas e, depois, como veículo de informação prática e teórica, preservando em cada aluno o fundo mágico, lúdico, intuitivo e criativo, que se identifica basicamente com a sensibilidade poética” (Andrade, 1974, p. 2).

Partindo dessa discussão mais ampla dos lugares reservados à poesia ou ao poético na escola, chegamos ao estágio realizado em 2017.

O ENSINO-APRENDIZAGEM POÉTICO DURANTE O ESTÁGIO REGÊNCIA

A experiência com o ensino-aprendizagem poético durante o Estágio de Regência I foi desenvolvida nas aulas de artes do Instituto Federal de Minas Gerais - Campos Ouro Preto. A faixa etária atendida pela disciplina é dos alunos e alunas de quatorze a dezesseis anos. A instituição conta com um pavilhão das artes, espaço próprio e destinado às aulas da disciplina, que permite múltiplas abordagens de trabalho por contar com mesas compridas, bancos móveis e materiais diversos, que ficam à disposição do docente. Durante o período do estágio (em torno de um ano), foi possível acompanhar as sete turmas do professor Frederico Lamunier Ferrari que, ao longo do tempo, permitiu o aperfeiçoamento da escuta para as demandas dos(as) estudantes.

O trabalho inicial foi ouvir e entender um pouco desse contexto escolar, as necessidades e as capacidades que os discentes apresentavam. Nessa direção, foi elaborado e aplicado um questionário contendo uma série de questões acerca das linguagens artísticas: se tocavam algum instrumento, se possuíam algum autor favorito etc. Após ler as respostas, nos reunimos novamente para conversar a respeito do material recolhido, que foi fundamental para cogitar práticas de sensibilização que pudessem ser mais eficientes adotando, antes de tudo, um diálogo mais horizontal e condizente com a adolescência.

A primeira atividade de sensibilização com a poesia proposta esteve centrada em pequenos momentos de reflexão em torno de frases tomadas do discurso sociológico como, por exemplo, de Zygmunt Bauman: “Não importa o quanto se tente em contrário, a vida se passa na companhia da incerteza” (Bauman, 2008, p. 73). Ou ainda de Guy Debord “no mundo realmente invertido, o verdadeiro é um momento do falso” (Debord, 2003, p. 16). Além das frases, trabalhamos com a escuta de letras de música como “Levanta e anda” de Emicida e “Roda viva” de Chico Buarque, com a declamação de poemas e a leitura em voz alta focadas na obra de Manoel de Barros e de Calos Drummond de Andrade, como os apresentados abaixo:

XIX

“O rio que fazia uma volta atrás de nossa casa era a imagem de um vidro mole que fazia uma volta atrás de casa.

Passou um homem depois e disse: Essa volta que o rio faz por atrás de sua casa se chama enseada.

Não era mais a imagem de uma cobra de vidro que fazia uma volta atrás de casa.

Era uma enseada.

Acho que o nome empobreceu a imagem” (Barros, 2010, p. 303).

Poema de sete faces

“Quando nasci, um anjo torto desses que vivem na sombra disse: Vai, Carlos! ser gauche na vida. As casas espiam os homens que correm atrás de mulheres. A tarde talvez fosse azul, não houvesse tantos desejos. O bonde passa cheio de pernas: pernas brancas pretas amarelas. Para que tanta perna, meu Deus, pergunta meu coração. Porém meus olhos não perguntam nada. O homem atrás do bigode é sério, simples e forte. Quase não conversa. Tem poucos, raros amigos o homem atrás dos óculos e do bigode. Meu Deus, por que me abandonaste se sabias que eu não era Deus se sabias que eu era fraco. Mundo mundo vasto mundo, se eu me chamasse Raimundo seria uma rima, não seria uma solução. Mundo mundo vasto mundo, mais vasto é meu coração. Eu não devia te dizer mas essa lua mas esse conhaque botam a gente comovido como o diabo” (Andrade, 2013, p. 11)

A prática de leitura se desdobrava numa reflexão com a turma partindo de alguns questionamentos como, por exemplo, sobre o que haviam sentido ou entendido das frases. Questionamos também se havia diferença quando se tratava de poemas. A ideia era sensibilizar os jovens para a leitura poética. No decorrer do estágio, foi possível reconhecer melhor a turma em virtude do gosto e/ou da predileção por determinado autor ou compositor, determinado ritmo ou forma de poesia, etc.



Figura 1: Aula externa: momento inicial com reflexão.

Uma vez delineados os contornos mais gerais do estágio, nosso olhar sobre o problema agora se volta para uma questão surgida na aula do dia 13 de dezembro/ 2017, quarta-feira, com a turma de Mineração. Conforme já havia feito com as outras turmas, a aula foi preparada partindo da música “Uma Vida Só” d’O Rappa e, logo após a escuta da música, a sugestão foi uma improvisação teatral em grupo baseada no tema da felicidade. A organização e planejamento da ação foram feitos pensados a partir do improviso baseado nos seguintes quesitos: “o que?”, “onde?” e “quem?”. Porém, nessa turma, aconteceu algo diferente. O aluno Pedro, que não estava disposto a participar da atividade naquele dia, veio até a mim e perguntou se poderia fazer outra coisa como ler, por exemplo. Então concordei que ficasse à vontade. Ele foi para uma mesa e, algum tempo depois, percebi que ele estava escrevendo um poema. No fim da aula, ele perguntou se podia declamar o poema para a turma. Consenti sem hesitar e logo chamei a atenção da turma para ouvir o poema. Importa dizer que o poema não passou por correções, respeitando assim a livre expressão que ali nasceu. Segue abaixo sua transcrição:

*Dias passam, perdemos pessoas com o tempo,
Isso nos dói tanto e desconto em um belo canto.
Meu coração está em quebranto
Porém, que se diz, no entanto,
me deixa em um pequeno pranto, sozinho isolado no canto.*

*Mas ainda acredito na humanidade,
por um simples ato bobo de acreditar na felicidade.
Mesmo que agora não a tenho, tenho que queimar a tristeza,
como um lenhador queima a lenha.*

*Mas como podia falar, como podia me expressar,
minha felicidade me demonstrar.
Se aqui, eu realmente assim eu poderia pensar.
Eu tô aqui, piso na folha, piso em coisas que passam.
E ai, vocês, o que vocês passam?*

*Busquem a felicidade, não deixem ela ter um fim.
Bom afim, seria fácil,
eu escrevi agora uma carta que acabaria bem “rapidin”.
Vocês buscam olhar a tristeza, vocês não veem a felicidade.
Busquem ela em pequenas coisas,
no simples ato de ver a humanidade,
no simples ato de ver o céu azul,*

*no simples ato de ver que nosso mundo não acabou.
Eu digo assim, não deixem a felicidade de vocês acabar “facin.”*



Figura 2: Pedro Dias declamando seu poema.

O resultado foi um sucesso e a turma inteira parou para ouvi-lo. Esse dia foi o primeiro de muitos que viriam e, sempre que queria, Pedro declamava um poema. Naquele dia, fui embora pensativo e, dias depois, apresentei uma proposta ao professor regular da disciplina de Artes, de juntos fazermos um sarau dentro do IFMG. Ele concordou e, então, convidei Pedro para auxiliar na organização, que também aprovou a ideia. Assim, surgiu o “Sarau Paralelo”, contando com apresentações culturais dos alunos e alunas do IFMG - Campos Ouro Preto, cuja primeira edição foi realizada no dia 20/12/2017 na Pracinha do Prédio de Física, localizada dentro do instituto. A programação da primeira edição foi composta somente por alunos e alunas das aulas de artes, mas havia palco aberto para o público participar. O instituto apoiou com o suporte técnico, som, fotos e divulgação. Ao todo, foram quatro edições realizadas.

Nas edições seguintes, passamos a convidar ex-alunos(as) para participarem do Sarau com alguma proposta artística como, por exemplo, declamação poemas, músicas ou exposições, possibilitando um maior intercâmbio artístico entre os ex-alunos e os atuais. O local de realização sempre foi a pracinha sombreada de árvores que oferece um aconchego para o público e está localizada

na região central do instituto, dessa forma, possibilitando uma maior participação dos passantes, técnicos, professores e alunos.



Figura 3: III Sarau Paralelo – foto panorâmica.



Figura 4: Pedro declamando no III Sarau Paralelo.

O sarau passou a ser um espaço de partilha entre todos os estudantes que aguardavam o evento para apresentar, além de um encontro com alunos de outras turmas, com suas respectivas produções poéticas, canções e/ou poemas. Nesse sentido, a palavra poética se tornou um espaço-tempo singular de reunião, encontro, comunhão, entre os estudantes e demais agentes escolares da instituição, importante desdobramento de seu caráter educativo dentro da disciplina de artes. Dessa maneira, podemos perceber de que forma o trabalho com o texto

poético e/ou a palavra poética amadurece à medida que se torna uma constante pedagógica fazendo surgir, inclusive, outros procedimentos metodológicos (Pinheiro, 2018, p. 46). O despertar da percepção compreendeu uma abordagem do poético efetivada nesse contexto, sobretudo, pelo maior risco que corríamos com a apresentação e a exposição pública do trabalho feito em sala de aula ampliando, por sua vez, o alcance do ensino-aprendizagem lúdico, artístico e social da poesia.

Tomemos a ação de ler ou declamar poemas no início da aula que, de uma abordagem periférica, se tornou prática efetiva por meio de um hábito que foi construído aos poucos. Importa perceber que o hábito não se congelava em virtude do jogo lúdico que, por seu turno, abria espaço para o inusitado, o improvisado, exercitando um campo de leituras e impressões possíveis da poesia. Dava-se e ganhava-se a forma conforme a forma do prazer era despertado (Pinheiro, 2018, p. 24). Nesse sentido, privilegiava-se o ato de leitura em si, pois, conforme comenta Paul Zumthor (2018): “tem a propriedade de propiciar um prazer, (...) esse prazer constitui o critério principal, muitas vezes único, de poeticidade (literariedade)” (Zumthor, 2018, p. 26).

A atividade apresentada nos permite explicitar aquilo que compreendemos como “estado poético”, em que o nível de criatividade é aguçado, despertado e possibilita a instauração de um espaço-tempo imaginário propiciador de novas aprendizagens. Por outro lado, isso só foi possível pelo envolvimento e engajamento de todos os alunos e alunas no universo de figuração poética, conforme observou Hélder Pinheiro: “se o poema renasce quando o leitor mergulha em seus versos, seus ritmos, suas imagens acendem no leitor o estado de poesia vivido pelo poeta e expresso em sua obra” (Pinheiro, 2018, p. 126). Esse estado configuraria um método particular de ensino-aprendizagem do saber-fazer poético distinto daquela abordagem já instituída que privilegia os conteúdos linguísticos e literários e/ou o estudo dos signos, dos autores e das obras, em detrimento da experiência viva do jogo, como afirma Jamesson (2013):

Levar o aluno a intervir nesse conjunto, não apenas lendo poemas para responder questões de atividades analíticas, mas escrevendo poemas à maneira de, primando pela comparação entre o modo de compreender e lidar com o mundo por parte do aluno em relação aos poetas, poemas, épocas, estilos estudados (Buarque, 2013, p. 202).

Após conduzir os estudantes para esse estado de poesia, ou melhor, rumo ao despertar do estado poético de si e do mundo, reconhecemos o prazer da experiência da linguagem humana nesse campo criativo. Apoiamos no saber-fazer poético despertado pela forma escolhida que se torna “o veículo linguístico” em função de sua realização sonora vinculada aos distintos efeitos de sentido (Possenti, 1988, p. 117). Portanto, é a forma que nos remete à configuração do social na poesia. Aqui nossa forma é a do estado poético ou do evento que configura o trajeto educativo discente e docente em torno do Sarau.

Um dos principais meios de concretização do estado poético diz respeito ao privilégio dado aos atos de leitura praticados individual e coletivamente que, por seu turno, se constituíram a partir de estímulos sensoriais, imagéticos, capazes de despertar um espaço-tempo singular baseado na relação da pessoa com a palavra, pois “o elemento puramente poético é constituído por uma alusão, por uma ideia brilhante, o jogo de palavras ou simplesmente o som das próprias palavras, sendo que neste processo o sentido pode perder-se completamente” (Huizinga, 2014, p. 137).

A palavra em ato circunscreve a performance poética que, conforme salientou Paul Zumthor (2018) a respeito da poesia oral, compreende “de modo imediato a um acontecimento oral e gestual” (Zumthor, 2018, p.36). Ao salientar a dimensão performativa da poesia, Zumthor (2018) a considerou como o ato total da experiência maior da poesia, “é que a performance é o único modo vivo de comunicação poética” (Zumthor, 2018, p.33). Trata-se de conceber o sarau como uma das formas desse modo vivo de comunicação poética. Do mesmo modo que o estado poético se constitui por meio e/ou como jogo, também pode ser visto partindo da performance.

O poético tem de profundo, fundamental necessidade, para ser percebido em sua qualidade e para gerar seus efeitos, da presença ativa de um corpo: (...) um texto seja reconhecido por poético (literário) ou não depende do sentimento que nosso corpo tem. (...) para nos dar prazer. É este, a meu ver, um critério absoluto. Quando não há prazer – ou ele cessa – o texto muda de natureza (Zumthor, 2018, p. 34).

O leitor não pode senão entrar no jogo, confronto gratuito e vital, em que o ser pesa com todo seu peso (Zumthor, 2018, p. 59). O aluno entra no jogo quando planejado e apresentado como um modo vivo de comunicação distinto da situação ordinária da vida, pois a poesia falada, cantada, declamada, isto é, as distintas inflexões da performance poética nos mostram a palavra como forma da presença humana no mundo e, ao mesmo tempo, manifestação dela mesma como linguagem (Zumthor, 2028, p. 62). Cria-se nesse jogo, a partir do estado poético, um universo vivo e extra cotidiano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso principal objetivo foi salientar a potência da poesia na educação, recuperando, ao longo do percurso, as diretrizes legais que definem os lugares reservados à poesia e ao discurso poético no âmbito da discussão do currículo escolar. Ao mesmo tempo, procuramos ressaltar seu alcance enquanto método de ensino-aprendizagem distinto, pois é baseado num outro modo de articulação entre eu, o outro e o mundo, que, por sua vez, difere do regime pedagógico mais tradicional e se separa do domínio cotidiano da linguagem. Dessa maneira, o estado poético pode se mostrar um espaço-tempo singular da experiência de si e do mundo instaurando um outro horizonte aberto pelo jogo com a linguagem:

Não são as próprias coisas assim conhecidas que jogam, aos nossos olhos; elas “jogam” em nós, na consciência que nós dela tomamos; isto é, o jogo está em mim, de mim (...) do mesmo jeito, em e de você, meu leitor, meu ouvinte, meu aluno, meu outro (Zumthor, 2018, p. 95).

A linguagem se reconfigura por meio do jogo de palavras da poesia alterando, por sua vez, a consciência das coisas em virtude da atividade da

imaginação, da faculdade poética, que, conforme Paul Zumthor, age segundo duas modalidades. Ela parte de uma apresentação intensamente concreta, distinta de sua função semântica e sintática. A poesia como performance se faz acompanhar de uma “recomposição dos elementos percebidos, em virtude de analogias diversas” (Zumthor, 2018, p. 96). Essa recomposição poética gera presença e prazer, ao mesmo tempo, pois reuniria a alegria e o signo, de acordo com o crítico, o signo de uma vitória sobre a vida (Zumthor, 2018, p. 99), sua continuidade por meio da linguagem que fala em cada um de nós, da poesia que pulsa dentro e fora de sala de aula.

Ao longo desse trabalho procurei salientar a importância e o papel educativo ou pedagógico da poesia, observando, nesse trajeto, as distintas formas de sua inserção no mundo por meio das diversas linguagens, principal da linguagem escrita e falada. Nosso objetivo foi perceber como ela se comporta em distintos contextos educativos, formais e não formais, dentro e fora da escola, e sua interação com o jogo, o lúdico e o performativo. O que muda é a forma de manifestação da poesia em sua capacidade de reconfigurar, inclusive, as relações tecidas no dia a dia entre as pessoas, as coisas e os espaços. Esse lugar poético e relacional forjado pelos modos de colocação do poema ou da poesia no mundo buscamos delimitar nos três artigos, inicialmente, por meio do estudo das oficinas, depois por meio da intervenção poética e, por fim, as experiências construídas no estágio regência, enquanto espaços-tempos da vivência prazerosa de estar poeticamente na vida.

Se você persistiu até aqui, é pelo simples fato que participou desse jogo de palavras proposto ao longo do trabalho, mas o que devo considerar é que a poesia nos moveu até aqui, a poesia colocou você diante de mim, e é mediante a esse encontro que posso me aperfeiçoar. Reconhecemos que a poesia tem esse poder, o de nos propiciar encontros grandiosos de prazer. Tudo é possível a partir desse entendimento: educação, arte, conexões sociais, etc. O elo que fará a distinção é formado pela pergunta: “estou consciente do poder da poesia?”. Se não

estiver, estará apenas aplicando regras, técnicas, reproduzindo um padrão burocrático. Todo ato feito com consciência promove alteração ao meio no qual estamos conectados, seja ele qual for, e quando tratamos de um campo imagético, lúdico, como é o caso da poesia, surge uma ampliação da reverberação desse efeito, desse poético que tanto descrevemos.

Existe um movimento presente na vida e estamos imersos nele, e a poesia faz parte dele, porém ela não está presa a ele, mas nós somos conduzidos por ele. A poesia é externa a esse movimento, ela se coloca como ponte a nos tirar desse ciclo sem fim que nomeamos cotidiano. Ela oferece a nós uma atenção para com esse circuito.

Se falta a consciência no agir, é um viver sem estar vivo, não há prazer, não há poesia. Então, que possamos buscar prazer no que nos propusermos a fazer, ao nos ligarmos, pois é nesse estágio que a poesia nos encontra, possibilitando uma elevação a seu mundo poético e nele vivenciamos experiências transformadoras. A vida não passa sem poesia, falta-nos percebê-la.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond. **A educação do ser poético**. Publicado no Jornal do Brasil, Rio de Janeiro - RJ, 20/ 07 /1974.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Alguma poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

BARROS, Manoel de. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de Literatura e de Estética**. (A Teoria do Romance). 4. ed. São Paulo: UNESP, 1998.

BUARQUE, Jamesson. Ensino da escrita de poesia como construção de autoria. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**. In: v. 15, n. 22. P. 199 - 232. (2013).

CAUQUELIN, Anne. **Teorias da Arte**. São Paulo: Martins, 2005.

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DE MINAS GERAIS. **Currículo Básico Comum**. Arte, Ensino Fundamental e Médio. Secretaria de estado de Educação de Minas Gerais. 2008.

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DE MINAS GERAIS. **Currículo Básico Comum**. Língua Portuguesa, Ensino Fundamental e Médio. Secretaria de estado de Educação de Minas Gerais. 2008.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**.

FEDERAL, Instituto de Minas Gerais; campus Ouro Preto. IV Sarau Paralelo – Programação de Aniversário. 2018. Disponível em:

<https://www.ifmg.edu.br/ouropreto/noticias/iv-sarau-paralelo-programacao-de-aniversario> . Acesso em 27/11/2019.

GEBARA, Ana Elvira Luciano. A poesia na escola: leitura e análise de poesia para crianças. – 2 ed. – São Paulo: Cortez, 2011. - (Coleção aprender e ensinar com textos, v. 10)

HUIZINGA, Johan. Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura. (Tradução João Paulo Monteiro). - São Paulo: Perspectiva, 2014. – 8° ED. (Estudos/ dirigida por J. Guinsburg). (Original Homo Ludens – vom Unprung der Kultur im Spiel)

SILVEIRA, Rosilene da e outros. A Poesia: Estratégias para Experimentar e Fruir em Sala de Aula. Reflexão e Ação. Santa Cruz do Sul, v. 26, n. 2, p. 86-100, mai/ago.2018.

PINHEIRO, Hélder. Poesia na sala de aula. – 1. Ed. – São Paulo: Parábola, 2018.

POSSENTI, Sírio. Discurso, Estilo e Subjetividade. São Paulo, editora Martins Fontes. 1° ed; 1988.

BRASIL. Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. MEC; Ministério da Educação. 2002.

ZILBERMAN, Regina (org). Leitura em crise na escola, as alternativas do professor. 11. Ed. Porto Alegre, [RS]: Mercado Aberto, 1993. 164 p. (Novas perspectivas; 1).

ZUMTHOR, Paul. Performance, recepção, leitura. Tradução Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo, Ubu Editora. 2018.

ZYGMUNT, Bauman. A arte da vida; tradução, Carlos Alberto Medeiros. – Rio de Janeiro: Joger Zahar Ed., 2009.